

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 30 DE ABRIL DE 1887
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 422

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e E. de Magalhães

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

| | |
|------------------------------|-----------------|
| Expediente..... | A. RSOACÇÃO. |
| « A Semana »..... | RODRIGO OCTAVIO |
| Galeria do Elogio Mutuo..... | J. DO EGYPTO. |
| XII—Alberto Silva..... | H. DE CARVALHO. |
| Historia dos sete dias..... | V. M. |
| « Lyrica », de Filinto de | O. BILAC. |
| Almeida..... | GALPI. |
| Uma velha calumnia..... | J. RIBEIRO. |
| A Antonio Parzelras, so- | SILVA RAMOS. |
| neto..... | O. MIRBSAU. |
| Sonho e Realidade..... | J. NINGUEM. |
| Notas philologicas..... | J. DE M. SILVA. |
| Palo azul, soneto..... | ED. E. J. DE G. |
| O artista..... | PASSPARTOUT. |
| Os nossos escriptores..... | PICOLINO. |
| Convalescenca, poese..... | A. LONGNON. |
| « Jornal dos Concours » | GUL. MAR. |
| Art. III, acoll..... | P. TALMA. |
| Sport..... | FR. ANTONIO. |
| Grzeilhes litteraris..... | |
| Festas, bailes e concertos | |
| Carta ao Olevo Bilac, | |
| poese..... | |
| Theatros..... | |
| Factos e Noticias..... | |
| Trilogia á bola..... | |
| Resumos..... | |
| ANNUNCIOS..... | |

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

| | |
|----------------|--------|
| CÓRTE | |
| Trimestre..... | 28000 |
| Semestre..... | 48000 |
| Anno..... | 88000 |
| PROVINCIAS | |
| Semestre..... | 58000 |
| Anno..... | 108000 |

A SEMANA

Graças á gentileza da distincta poetisa D. Adelina Vieira, traductora da *Gréve dos Ferreiros*, temos o prazer de annunciar aos nossos leitores que no proximo numero publicaremos esse bellissimo poemeto do grande poeta francez François Coppée. E' um trabalho este sobre o qual já demos nossa opinião, e que com certeza agradará immensamente aos amigos de joias litterarias.

Começaremos a publicar no proximo numero o discurso da entrada de Leconte de Lisle na Academia Franceza, fazendo a apologia de Victor Hugo, cuja cadeira foi occupar. Em seguida publicaremos o de Dumas filho, em resposta áquelle, e no qual é feito o elogio do grande poeta dos *Poemas Antigos*. São duas peças oratorias de summo valor litterario, que devem ser registradas n'á *Semana*; por isso as inseriremos, traduzindo-as, apesar da sua grande extensão.

A REDACÇÃO

GALERIA DO ELOGIO MUTUO

XII

ALBERTO SILVA



O Albertinho... Quando pela primeira vez e vi, elle entrava na *Gazeta da Tarde* para comprar um numero da folha.

Alguem mostrou-m'o:—Olhe, aquelle é o Alberto Silva.

Olhei-o demoradamente. Dias antes eu havia lido em um jornal da Côte uma *Cantão* d'elle, deliciosa pela forma musical e correcta, deliciosa pela inspiração suave e original.

Conhecia-o tambem pela critica que das *Matinaes* fez *A Semana*, estudo que veio á luz quando eu estava em Pernambuco, e onde o critico bellamente exalçava os seus dotes de poeta e de artista.

Olhei-o e fiquei a olhal-o até que elle perdeu-se na turba-multe dos *flaneurs* da rna do Ouvidor. Sua physionomia sympathica me agradara muito.

Não é alto, até pelo contrario; mas no seu rosto moreno ha tanta harmonia entre os olhos, negros, a brilhar lá no fundo, através dos vidros do pince-nez, e o nariz, curvo como o bico da uma aguia, e os bigodes, pretos e retorcidos, imman constant dos seus dedos pallidos e finos, e a bocca, de labios eternamente encrespados por um sorriso,—não esse sorriso triste dos pessimistas, mas o bondoso e tranquillo de alguem que tem a consciencia em calma,—ha tanta harmonia, dizia eu, no conjunto d'esse rosto moreno que á primeira vista elle nos fica na alma, como se muito nosso amigo fosse.

Assim que, quando dias depois foime elle apresentado, vi-me em frente de um homem que já me era muito conhecido e até quasi extranhel a cerimonia com que nos tractámos.

No dia seguinte trouxe-me Alberto Silva as *Matinaes*. Tinha em nas minhas

mãos um livro de 200 paginas de versos, virgens e meus olhos, virgen da minha leitura; fui para casa e já no bondo encostei a desvirginar-lhe as paginas.

As *Matinaes*, physicamente falando, são um gran livro, impresso em mão papel e com typo máu; entretanto, vencidas as primeiras paginas, correm os olhos avidos as subsequentes, não dando conta que a impressão é desagradavel á vista.

Cada estrophe é como uma feia crysalida de onde sae uma borboleta azul, de aza irisada ao sol; cada pagina é como um mattagal de alfaro e ressequido, de onde se ergue cantando uma revoadada de canarios e de pintasilgos.

Merecia, por certo esta edição de Alphonse Lemerre este precioso livro das *Matinaes*.

Alberto Silva tem sua individualidade firmada. Nas poesias que compoem o seu livro uma bastava para sagral-o poeta de pura tempera, artista de primeira ordem: *Sappo*. Entrstanto, como este poema tem elle outros manitos nas *Matinaes* e incantos, que não de formar um livro que, frã collocar-se ao lado dos nossos primeiros livros de poesia.

O *Carro de lava* fragmento de um poema americano, e que tão vivo successo alcançou quando lido no Gremio de Lettrados Artes, o *Jasminero em flor* são poemas como não os ha superiores: abundancia de inspiração, abundantes de forma.

Americano, Alberto Silva tem toda a luz tropical do nosso clima, toda a vida intensa das nossas matias, virgens de passo humano, toda a harmonia selvagem das nossas aves e dos nossos rios, todas as cores, todos os perfumes das nossas flores sylvestres; americano, tem

ells todas as inspirações meridionaes, que, elle sabe, calmamente, friamente, introduzir, trabalhar, reproduzir num verso terço como uma columna, hermoso como uma fanfarrã.

Nasceu o nosso poeta no outro lado da bahia, em S. Lourenço, no dia 29 de Agosto de 1863.

Aos roças esteve até aos 11 annos, e durante todo esse tempo, afóra os livros em que aprendeu a ler, seus olhos em outros não cahiram além dos de Casemiro de Abreu e de Xavier de Novaes, e sobia as *Primaveras* de côr. Sua alma, que principiava então de fazer-se sentir, gostava gostosamente nas tristes elegias do cantor infeliz.

Accitava-as e as imitava. Casemiro de Abreu falava á sua alma nas suas estrophes apaixonadas, e aos seus olhos, falava a natureza nos seus multiplos e esplendidos poemas.

Nessa companhia formou-se dentro da alma de Alberto Silva a primeira constellação de inspirações, calma, fragrante e luminosa como o *velho ideal de um jasminero em flor* que se vê num canto de jardim á luz suavissima de luar.

D'este embryão não podia deixar de formar-se a alma de um poeta sensível nas crystallisações em que se formou a de Alberto Silva. Ao lado da grande correção de estylo e da elevação de pensamentos, tem elle um perfume lyrico e que lhe denuncia os primeiros companheiros do seu espirito.

Em boa hora encontron Alberto Silva em sua estrada esse outro Alberto, o de Oliveira, que, como os pastores arcaicos, tomou da mão do peregrino, e ensinon-lhe o caminho que leva á fonte mais crystallina e de agua melhor para matar a sede; que lhe mostrou o bosque sombrio e ameno, onde os estyros repousam, proximo á fonte onde as nymphas, ao por do sol, deixam veres seios tumidos e niveos, que ensinam a embriaguez do vinho entontecedor e mystico dos crepusculos de outono.

Em boa hora a mão amiga de Alberto de Oliveira o conduzio e o fez conhecedor de todos os segredos de sua refugio, iniciando-o na Arte.

E o naophito o viu e o acompanhou, e hoje ninguém sabe mais do qua elle em que logar habitam as nymphas menos esperitas; de que recanto se onve melhor, no calamo tristonho, as velhissimas melodias de Marsius, o satyro compositor; e de que gruta escondida em mais liberdade cantam as sereias!

Alberto Silva comprehende que a poesia é uma arte e que sem ser tomada muito a serio não pode offerecer resultados. Por isso elle trabalha, e é recompensado em seu trabalho, porque bellissimas produções apresenta; produções ás quaes nenhuma observação terá a fazer o mais impudente parnasianeo.

Mora o nosso homem em Nictshroy e, como já disse, nasceu em S. Lourenço, terra que só tem tie celebre o ter-lhe sido berço.

Canta empoleirado no Thesouro Nacional, ouvindo o tintilar do ouro dos dinheiros publicos. D'esse facto um psychologo fez nascer a origem da abundancia de bons predicados que elle possui e da sua fecundidade poetica.

Eu, porém, não creio; até pelo contrario. Penso que se elle se deixasse ficar em casa em companhia da sua musa formosissima, mais ganharia a nossa litteratura e penso tambem que o Thesouro.

Perdão: não quero fazer intriga: Alberto Silva é um optimo empregado de finanças: não me consta que tenha feito algum desfalque...

RODRIGO OCTAVIO.

HISTORIA DOS SETE DIAS

O facto que mais occupou o preo- cupou a attenção publica e mais commentarios teve durante a semana foi o estado de saúde de S. M. o Imperador.

A contradição entre as noticias de fonte official e as de caracter particular, os hoatos, os «*Falano me disse*», «*Contou-me Sierano*», puzera a pulga da desconfiança atraz da orelha do publico a fez, por fim, subir a mostarda do protesto no respeitavel nariz da imprensa.

No dia 27, tendo-se sabido que o Imperador tivera um forte accesso febril na vespera, e havendo os medicos palacianos affirmado o contrario, dando curso mais uma vez á nova *chapa* — nova mais já gasta — do estado *satisfactorio*, ergueu-se a imprensa, quasi em sua totalidade, para protestar contra esse systema, tão exquisto como curavel, de tratar o publico no tratamento do seu monarcha, e para pedir — não só toda a verdade, que ao paiz se deve no assumpto, como que fosse o Imperador examinado por outros medicos além dos da imperial camara, a fim de ser estabelecido e tornado publico o verdadeiro diagnostico da enfermidade imperial, desconhecido até então.

Acham-se agora satisfeitas as justas e louvaveis reclamações, — embora energicas, embora impertinentes na apparencia — levantadas pela imprensa,

S. M. regressou, no dia 25, de Aguas Claras, — logar que, segundo consta, as não tinha — e, com aspecto abatido, mas não denunciador de grande fraqueza, e dizendo sentir-se muito melhor, fez toda a viagem até ao palacio do S. Christovam, onde recebeu e conversou por algum tempo, tranquilla e tranquillizadamente.

Ante-hontem foi examinado pelo illustre clinico Dr. Torres Homem, que, concordando com o diagnostico, prognostico e tratamento dos seus collegas da imperial camara, estabeleceu o diagnostico, que foi, enfim, conhecido pela publicação em todos os diarios de hontem.

Segundo o aminente facultativo, S. M. uada tem de anornal nosapparelhos circulatorio e respiratorio nem nas funções do systema nervoso, e soffre apenas de uma entoxicação paludosa com accessos febris irregulares, dando em resultado algumas perturbações do aparelho gastro-intestinal.

A opinião resultante do seu exame foi esta:

«Com a continuação dos meios therapeuticos que estão sendo empregados; com a remoção de Sua Magestade para a Tijuca, como me foi proposto, bem como mediante uma medicação directamente dirigida contra as desordens do aparelho hepato-biliar, é de esperar que o illustre Enfermo consiga restabelecer-se completamente».

Ora justamente o que desejavamos todos e o que pedio a imprensa foi que se dissesse ao paiz toda a verdade acerca do estado do Imperador e que se visse estar elle sendo tratado de modo a não poder haver mais tarde motivo nenhum nem para arrendimentos nem para lamentações e censuras.

Agora está o publico satisfeito e tranquillo, não só por ver que já se não procura enganar-o como porque espera ver dentro de algum tempo o primeiro cidadão brasileiro restituído aos seus multiplos e graves affazeres de chefe de Estado que pelo estado do seu paiz se interesse mais do que pelo de sua propria saúde.

Pelo que se pôde concluir do laudo do Sr. Conselheiro Torres Homem, não soffre Sua Magestade de *diabetes*, ou — pelo meus — essa enfermidade, se a tom, não complica a marcha da que foi diagnosticada. Tanto melhor, em qualquer dos casos; principalmente no primeiro.

Aproveitemos a massa de medicos e medicina, em que estamos com a mão, para dizer algo de outro medico eminente que está honrando actualmente o seu paiz na Europa e para dar a este sinceros e muitos parabens.

O Dr. Domingos Freire, que aqui tão injustamente foi desconsiderado por boa parte dos officiaes do seu officio e que tão estúpida e cruelmente fora motejado por pequena parte da imprensa grande (até o *ex-Caipira* se atirou a debical-o e a critical-o! Lembra-se?) o Dr. Domingos Freire, o illustre descobridor da vaccina contra a febre amarella, que no seu paiz não conseguira fazel-a aceitar como uma realidade scientifica, está recebendo em Paris o mais bonroso acolhimento e tem sido tractado pelas primeiras sumidades medicas da França — que são das primeiras do mundo — como de igual para equal. Algumas d'ellas já se pronunciaram sobre os seus trabalhos de *microbiologia* (é assim que se diz, *Dr. Saha?*) com os mais francos e honrosos gabos.

A ultima das manifestações de apreço que lhe tem sido feitas — das de que nos foi transmitida noticia — foi a sessão solemne e o banquete dados em honra do nosso grande medico pelo Instituto de Therapeutica Dosimetrica de Paris.

Após uma conferencia do Dr. Freire expando o resultado de seus trabalhos experimentaes sobre as origens da febre amarella e sua prophylaxia por meio da vaccinação com as culturas attenuadas do microbio. — conferencia que, ouvida com religiosa attenção, foi coroada de vivos applausos, — resolveu aquelle Instituto, por unanimidade de votos, que fosse a commucação do sabio prelector integralmente publicada nos holetins da associação.

Durante o hanquete recebeu tambem ellas as mais calorosas provas de admiração e sympathia.

Estes triumphos, que são do mundo inteiro porque o são da sciencia, devem nos encher de vivo jubile e natural desvanecimento porque são nossos, do Brazil, que com elles se engrinalda de louros e circunda de respeito.

Póde agora voltar o Dr. Freire. Já não haverá quem ao seu nome remetta chascos, nem quem nos seus trabalhos metta os cascos.

O Brazil, se por ventura sentisse o sancto orgulho de ter filhos illustres, que a Europa lhe inveja, deveria orgulhar-se de ter por filhos, na sciencia, — para só lembrar alguns nomes de moços — homens como os Drs. Baptista de Laesrdia, o descobridor do antidoto contra o virus oppidico; Silva Araujo — o grande siphilographo, o Hercules da *elephantiasis* — Moncorvo de Figueiredo, o abençoado medico das crianças, o debellador da *coqueluche* — Rodrigues dos Santos; — Werneck os doia Paulos — João e Pedro, — Nuno de Andrade, Lima e Castro e tantos outros que seria longo (como nos é honroso este «seria longo») enumerar aqui; e entre topos, e talvez acima de todos, o eminente chimico, o profundo pesquisador Domingos Freire, o Jenner da febre amarella.

Embora não possa esta patria do esquecimento e da superficialidade

compreender quanto ganha com os triumphos dos seus grandes homens, ha de consentir que lhe demos, pelos que está alcançando o Dr. Domingos Freire na Europa, os nossos cordiaes parabens.

Além dos casos acima esflorados e de outros de menor monta, como o projecto do vereador José do Patrocinio sobre *sport*, de que em outro logar nos occupamos hoje com a attenção que merece; do fallecimento de alguns homens geralmente conhecidos e estimados, como o opulento conde de Pereira Marinho, na Bahia, o capitão de mar e guerra Carlos de Silveira Bastos Varella, em Caxambu, e, nesta Côte, o major Miguel Antonio de Mello Tamborim e o barão de Irapuá; os preparativos para a proxima abertura dos trabalhos parlamentares, — abertura que se ignora se será a 3, como ordena a Constituição, sendo lida a respectiva fala pelo Sr. harão de Mamoré, imperador *ad hoc*, ou se dias mais tarde, por S. Magestade, — os commentarios, indignados e commovidos, sobre os horribes acontecimentos de Corrales e Paso Hondo, em que foram torturados e mortos muitos brasileiros por ordem e sob as vistas de D. Joaquim Santos, irmão do nosso hospede, ex-presidente do Uruguay, o qual Joaquim nada soffre por aquellas proezas, está nédio o fêro e vae regaladamente passar a Europa; — acontecimentos ultimamente narrados na *Patria*, de Montevidéu, por insuspeita testemunha ocular, narração aqui transcripta pela *Gazeta da Tarde* e pelo *Diario de Noticias*; — a auspiciosa pacificação do Mar dos Vituperios; conhecido vulgarmente pelo nome de Imprensa; além d'esses assumptos e de mais outros de insignificante valor, nada mais tivemos registavel no terreno dos factos politicos e sociaes.

A' vista do que *Ite, Historia est...*

JOSE DO EGYPTO.

«LYRICA»

DE

FILINTO DE ALMEIDA

Em volume de 230 páginas, sob o titulo de *Lyrice*, dividido em duas partes, subdivididas — a primeira com os nomes de *Musa errante* e *Peninsulares*, a segunda com os de *Intima Lyrice* e *Musa nova*, publicou Filinto de Almeida as suas poesias.

Lemol-as todas de uma assentada, sem a menor fadiga intellectual, desvendando cada vez mais o vasto horizonte da musa de Filinto, musa sadia, circumspecta, opulenta de roupagene, nem limitada nem exagerada, leve, a perder-se ás vezes longe, nos confins do pensamento, nas regiões altas, nevadas do sentimento.

Ao ler o livro de Filinto, sentimos ao redor de nós, no paiz secreto da consciencia, um meio novo, intellectual, onde as bellezas se succedem, lentamente, silenciosamente, como que fora do bulicio do mundo, numa patrinintima, toda consolações, toda prazeres moaes.

Nos menores tons, nas menores curvas, sorprehende-se ahi, na *Lyrice*, o pensamento do poeta, sempre o mesmo, elevado e distincto, de uma distincção fidalga, fidalga mas natural, a mover-se, ora rapido, nervoso, — quando rapidos, nervosos são os seus estados de consciencia, — ora lento, volumoso e melancolico, — quando assim lhe soa a corda prodiga de sua affectividade vibratil.

Fala-nos á alma, derramada, fundida pelas paginas da *Lyrice*, a alma de Fi-

linto, — uma alma fina, que ressumbra, não rara, a nota leve, agriloece de uma tristeza suave, unvida de saudades, pensativa de esperanças ou enbadada de aspirações — aspirações sempre humanas, sempre limitadas, bem do centro da vida, bem directas, de sua organisação.

Não tem os desmandos communs das imaginações chloroticas; cresce dos phrenesis de Richopin e Baudelaire; desertou das piedosas contemplanções de Lamartine; manteve-se em si mesmo; deu-nos fielmente, sem o menor artificial, a sua *personalidade*, com todo o cortejo das emoções inherentes, quasi sempre brandas, quasi sempre doces, nem viris, á Guerra Junqueiro, nem effeminadas á moda dos temperamentos doantios.

Todo o seu livro, — escriptorio de joias custosas, buriladas com grande arte, — requeira um *individualismo* tenaz, um subjectivismo discreto e amavel, fecundo e deleitoso, photographando de todos os pontos altos do sentimento as facetas poeticas de sua alma, onde ha scintillações diversas, opulentas e fieis, ao reflectirem, atravez da lente dos sentidos, na camara caeura de seu espirito, as bellezas de fóra, as creações da natureza, no mundo moral de todos os affectos.

Ha muito tempo que não lemos, dos livros da *geração moderna* — um que, como o do Filinto, nas satisfações tanto, nos alente na faina das letras, a cujo seio recolheu-se com a distincção de labor que as levanta, que as realça em verdade, a ellas, tão poltres, tão abandonadas, ou vilipendiadas por filhos bastardos, que pulsam de toda parte.

O livro de Filinto é o que se chama — um livro de ouro, em que constantemente se encontram labores de finos brilhantes. As *joias tocas* d'esse cofre minoso, — poucas, é certo, — parecem feitas de proposito, em trabalho fosco, para com a graça que ainda assim revelam, destacarem mais, em brilho e arte, as joias finas e delicadas, de alto valor artistico.

O livro de Filinto, a *Lyrice*, tem direito ás estantes mais selectas em poesia, á admiração dos mais exigentes, á accção de todos.

A sua forma, fluente e propria, não se deixou levar pela mystificação d'essa arte mal entendida, que em alguns poetas hódicnos só tem servido para estragar-lhes as individualidades, deslocando-lhes ao mesmo tempo a verdade da inspiração; — d'essa arte, não natural, senão *artificial*, que se se atria de encontro ao pensamento e, com palavras e exageres de construção, lhes rouba a naturalidade, desfaz a graça do dizer, embrutece a mnsica das estrophes.

A sua forma, de uma correcção inalteravel, simples e donosa, relembra os mestres de lingua, sem a dureza de alguns, sem o obsoletismo de muitos, e sem os neologismos do dia.

Ha muita belleza na *Lyrice*. O dizer, terso de Filinto é uma nota constante em todo o livro. Citar as peças de valor que nelle se encontram seria longo; não deixaremos, no entanto, de dizer o que para nós são primores:

— Na *Lyrice* da *Arcadia* os encantadores tercetos de *Hosana*; — a *Ode* ao Sr. Machado de Assis, um primor de elevação, digno dos velhos poetas do Lacio; — que bellos tercetos são os *Labios e Olhos!* como são *chicos* os sonetos traduzidos de Stechetti e o *A uns olhos de Campoamor!* Os *Versos á Cotinha*, um mimo. Os sonetos *Antonietta*, *A volta*, *Em Roma*, como são formosos, verdadeiros, delicados! Que bella successão de comparações, quanta inspiração na *Suprema Dea*, na *Ignota Dea!* Que naturalidade nos *Olhos pretos!* E assim muitas, muitas outras.

Toda a parte do *Poema da Morte* é de grande sentimento, de fina delicadeza. E quando se vai por ahi a fóra, por esse caminho escuro de dores e saudades, sentem-se com o poeta as tristezas do seu espirito, até surgir com elle, adiante, no fim da estrada, em outra epoche da vida, cantada na *Musa Nova*, ultima parte do livro, facunda, muito bella e onde ha primores como os sonetos *Novo Bem*, e *A partida*, os tercetos *Perfície Suprema*, e tantos outros de igual valor.

O livro de Filinto, em synthese, é para mim o melhor livro de versos doos que nestes ultimos annos tem eschido á luz. E' um trabalho verdade-

ramente artistico, justamente consciencioso. A litteratura da lingua portugueza ganhou e muito com o seu apparecimento.

Parabens aos amadores da boa poesia e do bom verso.
Um abraço a Filinto.

S. Paulo, 17—1.º—87:

HORACIO DE CARVALHO.

(Do Diario Popular)

UMA VELHA CALUMNIA

Ao artigo sob este titulo publicado em o n. 120, respondeu, pelo *Microcosmo* do dia 24 do expirante, o Sr. Carlos de Laot com os mais finos a matreiros dos seus celebres e terriveis *passos* de polemista—capseira. Torceu o corpo á accusação, embandeirou todo em arco de explicações eophisticas e apresentou-se, no fim, candido e puro como o cordeirinho paschal.

Fingio não ter encontrado no *Microcosmo* de 21 de Junho de 1885, que den corpo á calumnia, o principal topico, aquelle que diz assim:

« Nestas condições, hoje, que tão decadente se acha o jornalismo nacional, ao contrario do estabelecimento aqui da esquina. O commendador não olha para sacrificios, o quanto que o acclamem, pelo menos, o primeiro prosador deste hemispherio.»

Laet fez-se de ceigo e tolo; fingio não ver e não entender, e preparou a transcripção, como defeza, do trecho mais susceptivel de occipar á censura que lhe fizemoa de encorporador da offensiva peta, gemendo com archaico aspecto e magoadá voz de martyr, que entre os periodos do tal seu folhetim « cluramente se omittia proposição antinomica ao asserto que tanto parece ter prejudicado a boa reputação d'á Semana.»

Oh! oh!
Que cianho!
Que santiago!
Que dentista!

V. M.

A ANTONIO PARREIRAS

Pinta-me a curva d'estes céus... Agora, Erecta, ao fundo, a cordilheira apruma... Pinta as nuvens de fogo, de uma em uma. E alto, entre as nuvens, e raia da aurora:

Sólta na altura os véus de espessa bruma, E o valle pinta, e, pelo valle a fóra, A correnteza, turbida e sonora, Do Parahyba, em torvelins de espuma...

Pinta: mas vê de que maneira pintas; Antes busques as cores da tristeza, Poupaado o escripto das alegres tintas:

— Tristeza singular, estranha magoa, De que vejo coberta a Natureza, Porque a vejo com os olhos cheios d'agua.

(Em viagem, 22 de Abril.)

OLAVO BILAC.

SONHO E REALIDADE

Por entré grosseiros lençõs de toseco leito formosissima donzella sonhava.

Entregue aos loucos devaneios da sua phantasia de menina, ella sorria, cheia de enlevo, vendo o fulgor dos brilhantes que lhe adornavam os pulsos alvos e roliços; admirando o diademá de raras e offuscadoras gemmas, que lhe cingia a fronte lisa e seismadora; e gosava da venturosa posse de esplendidos vestuarios, ouvindo, como musica indefinivel, o ruje-ruje das sedas, que os formavam; sentia a sensação volu-

ptosa do macio vellulo que estofava o coxim onde repousava á sesta; contemplava através das jallas do seu fantastico palacio os lyrios formosos o se rosne, ainda mais formosas, que emoluravam, enroscando-se, os fustes das columnatas da sua encantadora vivenda.

Tudo aquelle esplendor seduzia-a e o perfume embalsamado do ambiente embriagava-a.

E dormindo continuava a sorrir e sorrindo continuava a sonhar: Era mais do que uma mulher formosa e seductora: era a soberana da Graça e da Belleza.

E sonhava e sorria, embalando a existencia nos brandos vaiveas dease viver absorto,—mundo ideal a que nos transporta ás vezes a imaginação. Então d'ella approxinou-se, veucilo pelo amor, um homem de sizudo aspecto e anlar pausado.

— Possio seis milhões, e com elles centuplicarei a tua riqueza. Supplico o teu amor, disse elle.

— Riquezas... tenho-as de sobra. Vae das-as a quem d'ellas carecer.

Despeitado, retirou-se o millionario. Grave manrebo o substituiu, Illuminava-lhe a nobre fronte a luz de graute talento; e, dominado por profunda commoção, apresentou-lhe, lepondo-lhe aos pés, um livro, que era a sua alma, a sua vida, o labor incessante de toda a eua existencia e tambem toda a sua gloria.

— Dá-me o teu amor, que te darei a minha laurea de sabio, a grandaza do meu nome.

— E' muito... e... é muito pouco.

— Dou-te a minha vida.

— Não posso queral-a.

Calmo e tranquillo, afastou-se o sabio.

Em seu logar, bello manrebo falou-lhe: — Dá-me o teu amor, oh! anjo, que immortalisarei a tua helleza nos meus contos immortaes. Collocar-te-ei em um throno, donde neahum poder da terra serí capaz de arrancar-te. Dá-me um só sorriso teu, que a elle escrivisarei a minha lyra.

Em duvida, meio vencida, respondeu-lhe: — Não.

— Não queres a minha lyra escrava? Queres captiva a minha alma?

— Não; respondeu ella atada. Quero a tua alma livre, para quo tambem o soja a lyra do poeta.

Pensativo e triste, retirou-se elle.

Anõs, manrebo de porta onergico, cingindo espada, valente soldado, avançou o disse: — Deponho a teus pés, vencida, a minha espada, sempre vencedora. Ella não mais fulgirá senão para defender o nosso amor. E para, se o ordenares, coroa-te rainha.

— Não. Toma a tua espada e vae conquistar uma coroa de rainha para tua patria.

Como o millionario, o sabio e o poeta, afastou-se tambem o soldado.

Ao retirar d'á espada, despertou a donzella; e revoando-lhe na mente, como errantes pombos, os sonhos que fugiam, lembrava-se ella do calmo amor do sabio, do ardente amor do poeta e do severo amor do guerreiro. Com elles desapareceram os brocados, os coxins, as formosas columnas, os lyrios e as rosas, o luxo e o esplendor que a cercavam.

Tacteando, como quem recusa acreditar na realidade do que vê e sente, apalpava o leito grosseiro, os asperos lençõs, via o tecto simples da sua casinha e as alvas paredes do ssu quarto modesto.

Fugiu-lhe o sorriso dos labios; mas rapido voltou, descerrando os como duas petalas de rosa de nimoso botão que desabrocha. E assim ergueu-se de um salto, vestindo-se apressadamente. Correu á porta e abriu-a pressurosa, inundando da luz do sol a saleta sem moveis, desguarnecida de espelhos e tapetes.

Ao avistal-a, correu para ella esbelto rapagão, de fortes pulsos, que não lhe pediu o amor, pois de ha muito o possuia; que não depoz a seus pés nem coroas de sabio, nem lyra de poeta, nem espada de guerreiro, mas dois beijos adoradores nas suas faces rosadas.

— Hontem, exclamou elle, transportado de alegria, arranjei tudo, tudo: a nossa casinha, o nosso sitio, e hoje venho pedir a tua mão.

— Ella-a, disse ella, sempre a sorrir. Fala á mamãe.

GALPI.

PELO AZUL

Almas que andaes vagando pelo espaço Em busca da alma irma, a toda hora, Voe a mim que ha um ser que vos adora Voumos juntos n'um fraterna abraço.

Como vós, reclinado ao regaço Da esperança que meiza me enamora, Vou pelos mundos do ideal afóra Buscando onde prender-me em doce laço.

Como folha do ulmeiro succutida, Deixo a creação embalar-se mansuete No lago da existencia, despreadida.

Ab! deixem-na sonhar, mia! alma ardente. Se é sonho tudo o que me alenta a vida, Quero viver sonhando eternamente.

SILVA RAMOS.

NOTAS PHILOLOGICAS

Occupar-nos-amos, hoje, de duas etymologias verdadeiramente inoressantes. A palavra *nada* deriva do adjectivo latino *notus* e significa litteralmente: *couza nascida, rem natam*.

Esta etymologia é já hoje nm facto adquirido e consignado em nossas melhores grammaticas (1). O que simplesmente aqui pretendo é dar o testemunho historico d'essa etymologia, aparentemente extranha e extratragante.

Era costume, no antigo romance, encarecer a negação por meio do circumloquio: *omen nado* (homem nascido.) Exemplos:

nehum omen nado o fez...
Nem ho dixé omen nado.
(C. da Vat.)

Os francezes e trova lores provençaes diziam: *homme nez*. E até no castelhano antigo occorreo a forma *nado*, desacompanhada, no *Poema de Alejandro*:

Non es nado que la pueda terminar (2)
— não ha homem...

Não obstante, é somente no francez antigo que se cothom os especimens completos do *rem natam* (*rien né*). Aqui tenho um exemplo de Burguy:

L'avoit plus aimé que rien né.
Tinha-a mais amado que a couza nascida ou creatura.

Por ahí se descobre facilmente que a negação reforçada não differa cabalmente do circumloquio portuguez.

O que, de tudo, porém, é mais notavel é que da locução primitiva *rem natam*, só o primeiro elemento se oblitera no portuguez, ao passo que a obliteração do segundo se effectuou na lingua franceza:

Rem natam fr. rien
port. nada

Infelizmente, não se deu, o que era possivel, a existencia das duas formas em qualquer das linguas romanas, actualmente vivas.

A segunda etymologia é a da palavra *cia*.

Pensei com Leoni e outros eruditos que o vocahulo derivasse do latim: *age!* Mas a analyse comparativa não me esclarecendo sobre este ponto, considerei-o desde logo duvidoso.

O exame samatologico induz por outra parte a crer que *cia!* exprime movimento por deslocação:

Eia, sus!
Eia, avante!

Eia exprime a acção de *subir, andar, locomover-se*, etc.

As linguas romanas, neste particular,

(1) Já se encontra na excellente e calumniosa Gram. de Julio Ribeiro. Segunda edição.

(2) *Reperit. Amer.* III.

são accordes. O francez e o italiano passuom as interjectivas: *mal ra!* *de aller*.

A palavra *ra!* no castelhano tambem significa applauso, ao contrario do nosso uso, e apezas um subjeuctivo analogo ao nosso ta:

Vagal!

Visto que *age!* não deixou vestigios nas linguas congeneres, concluo que *cia!* é u clímenos que o subjeuctivo do verbo *ir*, constituindo uma forma para, origiada do latim:

I am | cia!

Era conseguintemente ou um tempo perdido do verbo *ir* ou um tempo perdido das minhas investigações.

JOÃO RIBEIRO.

O ARTISTA

(TRAD. DE ALFREDO DE SOUZA)

Mal tinham soado nove horas da manhã, a criança teve uma convulsão, veio-lhe o ultimo asterer e morreu... Durante muito tempo, em frente do pequeno cadaver que golava, o pae—o illustre pintor Ernez—Beir, prostrado, fixando-o loucamente com o olhar, e não comprehendendo, não podendo acreditar que a morte viesse tão rapida arrochar-lha o filho... Em tres dias matou-o... e tres dias antes elle era tão rosado, tão vivo, tão alegre e tão gentil! Em tres dias!... Quando apenas começava a despertar na vida!... E não havia cinco dias que elle corria, cantava, brincava sobre o tapete, com as perninhas nuas, com os cabellos anelados, e saltava em seu *atelier*, enlambuzando por vezes nas mãosinhas na palleta; ali a fresca... Tres dias! Horroroso! Impossivel!

— Jorge, Jorge! meu Jorgeia! hó! gritava de repente o desgracado pae, estreitando em seus braços crispallos o corpo enregelado do filho... Meu Jorge! Falame!

Sobre os seus labios sentia o infeliz pintor o frio d'aquella labiosinhoa morta, um frio que o quomava como um ferro em brasa a, prostrandoo por sobre o laito, envolven a cabeça nos lençõs e soluçou lesceperalamente:

— Meu Deus! meu Deus! Será possível?... Meu Deus!... Que tenho eu feito para merecer tamanha dor! Jorge! Vamos ao meu querido Jorge... Ah! tudo acabado...

Não consentio que ninguem velasse o pequeno cadaver. Foi elle mesmo quem o vestio, sosinho, depoz sobre o leito as flores, as esgalhas de lilazes cor de neve e as rosas brancas. Com sua vestimenta de anjinho, a deitado aobra o monte de alvuras, o pequanino parecia dormir, sorrindo.

No anno precedente, Ernez perdera a esposa a quem idolatrava. E agora o filho—uma criança de tres annos!... Desde muito tempo que eram mortos os seus parentes. Hoje não lhe restava uinguem! era só, tão só que a morte lhe seria uma consolação. Durante alguns minutos Ernez pensou em morrer a em encomendar um tumulo maior, onde se pudessem nbrigar elle e seu pequenito. Ah! aquelle rostinho alegre, que elle acariciava e enchia de beijos; aquell pequenina bocca, que lhe dizia: — Eu tambem quero, papá, fazer bonecoo como tu! não falvria mais, não mais sorriria! Como poderia elle viver assim, nesta casa, para elle duplamente deserta vasia de qua elle tinha de mais caro. Que lhe restava? O trabalho? A gloria? Que poderia valer a gloria depois de tantas affeições perdidas? Que lhe importava a gloria, já que d'ella não podia participar aquellas duas creaturas que se foram? Que lhe importavam os gosos egoiatis da arte, o martyriu delictoso de crear, os divinos enthousmos, e estas loucuras sublimes que de um bon de carne, de um raio de sol sobre o mar, de um longo perdido nas brumas fazem surgir, nascer e palpitar eternos poemas? Tudo se desabava. A pintura, em que, até então, se reunira exclusivamente todos os esforços, todos os sonhos, todas as confrontações do que deixava com o que via, a pintura,

emfim, não era para elle neste momento senão uma prolixa odiosa e van, uma chimera vulgarissima e chata...

A pintura!... Ella ora talvez a causa de suas desgraças... Nisto sentio um tremor correr-lhe sobre o pella.

A pintura!... Sim, elle tinha sacrificado por ella todo o amor de sua mulher a todo o cuidado de seu filho! Durante horas inteiras elle se abismou neste pensamento horrivel, e se convenceu de que se, em voz do pintor, fosse alfaiate, advogado, guarda-livros ou outra cousa qualquer, estes dois seres queridos que elle perdera, que elle matara,—porque estava certo de tel-os matado—viveriam ainda!...

—Perdió! meu Jorge! meu Jorge-sinho. Foi um mau pae... nunca te amei... Se eu te tivesse seguido sempre a cada instante, a todas as horas, talvez... Ah! é horrivel!

De novo abraçou-se ao filho, tentou renhinhá-lo. As suas lagrimas regaram o pequenino cadaver.

— Meu Jorge! sim, fui eu quem te matou!...

Pela madrugada, aniquilado pela fadiga, pelo remorso e pelos emhates das emoções, Ernez dormeceu.

Quando despertou, o sol inundava o quarto mortuario com a alegria dos seus raios.

Muito pallido, com ns palpebras inchadas, Ernez contemplou o filho, longamente, dolorosamente...

— Que farei amanhã? Que ha de ser de mim? suspirou elle acabrunhado.

Nada tenho, Nada mais! nada mais! Pouco a pouco seus olhos perderam a expressão de dor, e seu olhar, até então angustiado e humido, teve a concentração, a tensão de todas as forças visuaes que dominam a vista do pintor quando elle se acaba em presença de uma natureza.—E exclamou: — Que tom! Ah! que tom!

E traçando em seguida, com um dedo, um lento circulo aereo, que envolvia a frente, a face da crinça e uma parte do travesseiro, falou comigo mesmo: — A formosura d'isto, hein? A delicadeza, a suavidade!...

— Que tom! Como tudo isto é deslumbrante, inaudito!

E indicando a sombra, sob o mento levantado, uma sombra transparente, de um rosa azulado:

— E isto? Seu dedo percorreu de novo a frente, os cabelos, o travesseiro.

— E a cópia d'isto!... e d'isto... e d'isto!

Sua mão, de um largo movimento circular, gyrou sobre a vestimenta do aninho, sobre o lençol coberto de flores:

— E os brancos d'isto?... Que brancos! Neste momento Ernez recuou, piscou os olhos, medio com suas duas mãos levantadas o espaço que o assumpto tomara na tela e gritou:

— Uma tén de vinte!...

OCTAVIO MIRBEAU.

OS NOSSOS ESCRITORES

ALBERTO DE OLIVEIRA—Favonio do Olympo, que passou pela cahelleira de Hugo, e que, de vez em quando, se faz furacão para assustar as moças.

LUCIO DE MENDONÇA—Litterariamente—um rigido. Mas em negocios de amizade um molle; derrete-se todo ao primeiro choque.

RAYMUNDO CORREA—Lyra que tem por cordas os nervos de Julio de Goncourt, resoado aos quatro ventos do espirito... (não os de V. Hugo)... é o melhor freguez do caporal mineiro.

FILINTO DE ALMEIDA—Pé de roseira lyrica; pé de vento vernal pé de verso alexandrino; e, com pé de alferes, pede... beijos ás Musas, bem entendido. Pé... tillo das portadas Parnaso. Pé, pé, pé... com cabeça.

GASPAR DA SILVA—Cria jornaes para

olgiar os amigos e descompor os inimigos, seus e, principalmente, os dos seus amigos. Por isso, quando não tom o coração na hoch, tem uella cobras e lagartos.

MOREIRA SAMPAIO—Como comediographo o jornalista, pertence á tribu dos botocudos, posta já por elle em scena.

E' mais auctor dos cochilos dos seus collaboradores do que dos proprios.

RODRIAGO OCTAVIO—Botão de «purgura de Orleans» entre «pampanos».

LÉO DE AFFONSECA—Leão (léo) da Numidia, digo: da Paulicéa, que prefere ás damas da Gloria a gloria das damas.

ALBERTO SILVA—Sabid da praia (Grande) com bigodinhos.

FONTOURA XAVIEN—Satanaz rio-grandense, a quem as decepções partiram os chavelhos e a lyra. Hoje exclama, sem Palas (sciencia): O' Palas. †

JOÃO NINGUEM.

CONVALESCENÇA

— Emfim cheguei! E descerrando a porta Do procurado albergue, O velho encara o filho, o filho se ergue, Da soleira o transporta, E antes que o corpo de fadiga vergue, Praagazalhal-o, o abraça e o honhro entorta.

— Veio me ver, meu pae? Tinha saudade De seu filho, bem vejo. — E a mão tomou-lhe e deu-lhe um grande heijo Contente de vaidade: — Olhe que assim realiza o meu desejo, Assim completa a minha fidelidade.

— E's feliz? — Sou feliz. — Eis tudo quanto Sahe eu desejava. — E via-se no olhar suhir o pranto Que o riso disfarçava, A tempo em que, contendo a custo o espanto, Do pae pra o rosto o filho attento olhava.

— O que é? Ha muito estás pra mim olhando: Que estranhas no meu rosto? — Não sei... soffreu acaso algum desgosto?... — E o velho, balançando A frente, exclama: — E tu mais hem disposto, Mostras que vaes aqui melhor passando.

— Gosto muito da roça, hem o sabe, E que a cidade odeio; Eu sempre achel aquillo tudo feio, Embora alguém o gabe. — Porém o velho corria a historia ao meio, Antes que o filho se desculpe e acabe:

— Aqui todos vão bem? A ora, os netos, Toda a familia tua? — O moço affirma. O velho continua: — São estes os objectos Do teu prazer.—Pois sim, mas não se exclua, Diz o filho, de entrar nestes affectos.

O pae sorri.—agora eu lhe pergunto, Torna o filho, o motivo Que o poz assim tão magro... — O velho, esquivo De deslindar o assumpto, Esfrega as mãos, e a custo e pensativo, Diz em pbraze tremida e sem conjunto:

— Não sei... não sei que foi... uma tristeza... Tudo me aborrecia: A casa, o leite... me enfastiava a meza, De noite não dormia... Achaques, nervos, scismas... Que fraquesa No corpo, e mais no espirito sentia!...

— E o medico? — Suppoz que era velhice, E bem suppoz, eu creio; Nada me receitou, sómente disse: «Faça um grande passeio... Vá ver seu filho... acabe a rabujice, Ria-se, coma e durma sem receio...»

— Mas recelo de que... — Não sei... de nada... Que é della a tua gente? — Erguem-se e vão. No meio da grillada Dos netos, mais contente O velho fica. — Olá, deixei na escodo A mala.—E se levonta de repente.

— Em vou.—E o filho sabe. Ahi vem co'a mala. 'Stá junto ao velho a noro, Que do marido, que é tão hom, lhe fala. Mas nisto, sem demora, De doces se enche a mesa, e o chão da sala De bonitos e dizes se arma agora.

O velho ri-se e brinca: de uma a uma, Dizendo nome a nome, As figuras aqui e ali arruma; Depois, sentindo fome, Belisca os doces, vae de ruma em ruma, E co'as crianças, feito criança, come.

— Oh! já tem appetite?... — diz-lhe o filho. — Não sei, mas me parece... — O pae responde; e a moça: — Se quizesse... — Junta, e de afogadilho, Ao aceno do esposo, corre e aquece Café, lombo de porco e angú de milho.

Ceiam, conversam. Vão dormir as crianças, Já firtas de regalos, E cançadas de risos e festanças; O hospede, a intervalos, Boceja, empanturrado de pitaças, Cochila, vou deitar-se. Ouvem-se os gallos.

Inda o filho quer vel-o: entra no quarto De manso, a luz cobrindo, Co'a mão, feito *abagour*. Tranquillo e farto, O pae já 'stá dormindo, Pousa a fronte do braço no lagarto, E o filho enxuga as lagrimas sorrindo...

J. DE MORAES SILVA.

«JORNAL DOS GONCOURT»

(EXCERPTOS)

Fim de janeiro de 1852.—O *Relampago*, revista hebdomadaria da Litteratura, dos Theatros e das Artes. O primeiro numero appareceu n 12 de janeiro.

Eis-nos, desde esse dia, a deitar journalismo com Villedeuil. O nosso jornal tem:—um escriptorio em nma casa terrea de uma rua em construcção: *rue d'Aumale*; um gerente, que ganha cem soldos de cada assignatura; um programma: o assassinato do Classicismo; annuncios... gratuitos e promessas... de premios aos assignantes.

Passamos no escriptorio duas ou tres horas por semana, cada vez que se ouve passar alguém nesta rua onde quasi ninguém passa, esperando os assignantes, o publico, os collaboradores. Não vem nada! Nem mesmo collaboração: facto inconcebivel! nem sequer um poeta: facto ainda mais estupendo!

Uma russa chamada Sabina — a unica pessoa que frequenta a redacção d'O *Relampago*—perguntou-nos um dia: — Quem é aquelle senhor e porque está elle tão triste?

Ao que lhe respondemos em coro: — E' o caiza!

Continuamos intrepidamente o nosso jornal—no vacuo, com uma fé de apostolos e com illusões... de accionistas. Villedeuil é obrigado a vender nma colleção das *Ordonnances des Rois de France* para prolongar-lhe a existencia; depois descobre um usurario e consegue extrahir-lhe cinco a seis mil francos. Os gerentes, a cem soldos por assignatura, succedem-se rapidamente: o primeiro, Pouthier, um pintor bohemio, amigo de collegio de Edmundo, é substituido por um tal Cahu, sujeito tão fantastico como o seu nome, e que é livreiro philologico no quarterão da Sorbonne e membro da academia d'Avranches; por sua vez cede Cahu o logar a um antigo militar, que, por um cacete nervoso, está constantemente a mirar o logar das dragonas e a cuspir por eobre os hombros.

Nos seis mil francos que Villedeuil constava ter recebido do usurario figurava, e por hom preço, um lote de

duzentas garrafas de *Champagna*. Como o vinho conseguisse a avariari-se, teve o fundador d'O *Relampago* a idéia de lançar o jornal dando um haile e offereendo esse haile — com *Champagna* como premio aos assignantes. Convidam-se todas as relações da folha — o boheaito Pouthier, um architecto sem obras, um negociante de quadros, anonymos apanhados ao acaso do encontro, algumas mulheres-equivocas. Em certa occasião Nadar, que começava om a nossa folha uma serie de caricaturas, teve a idéia, para animar um pouco aquella festa de familia, de abrir a persiana e de convidar os homons e as mulheres que passavam a entrar na sala — pela janella!

MONSELET

Jantar em casa de Dinochau, o commerciante de vinhos da rua de Navarino. Depois de subir-se por uma escada de caracol, entra-se em uma sala assoalhada de cedro, forrada de papel vermelho avelludado. Mesa em forma de ferradura.

Um jantar de 35 soldos; um jantar hurguez, cujos pratos de resistencia são a sopa e o cozido, e que era o jantar da Litteratura nos momentos de *pindahya* e de *pame*. Lá dentro, Monselet, Scholl, Audibrau, Busquet, o doce poeta de lunetas e punhos com folhos, e algumas mulheres e sujeitos declassificados, como Bourgoigne, com a fealdade de um Mirabeau, que tem uma febre escintillante de espirito nos olhos e que vos diz: «Tu sou um plunitivo, não se me peça senão exactidão e proguça!»

No fim do jantar, ao café, nesta sociedade que janta em mangas de camisa, Dinochau, com o cabelo rigado, de porte expressivo, intromette-se na *litteratura* e conta algumas troças d'Auvergnat.

Nós voltamos com Monselet, que traz em nma mão uma porção de linguigas de Tours, envolvidas em papel, e na outra um brinquedo de criança, um diabinho, que elle faz saltar alegremente de sua caixa com o *quiqui da falação* de um polichinello,—cada vez que passamos deante de uma mulher.

EDMOND ABOUT

22 de Maio.—Em casa de Charles Edmond nos encontramos com About. Passeando no bosque de Bellevue, converso, abrio-se, expandio-se commosso. Mostra talento de um homem do mundo, muito intelligente, com um quasi nada de *pião* e um pouco de tagarellice de um *faisneur*. Falou-nos de sua pessoa, de seus cabelos já grisalhos, de sua mãe, de sua irmã, de sua familia, de seu castello em Saverne, de seus cinco ereados, das dezoito pessoas que elle tinha sempre á mesa, de suas caçadas, de seu amigo Sarcay de Suttieres, cujos romances, dos «*Salons de province*», vêm como «Balzac hem escripto» da desillusão que teve ao rler *Notre Dame de Paris*, a semana ultima, das qualidades de Ponsou du Ferrail, e do caso que dellae faz com *Mérimé*. E' o eu do successo, mas não muito pesado, nem insupportavel, e salvo por macaquices espirituosas, por pequenas caricias litterarias a respeito dos litteratos que ahi estão, e de cujos livros faz citações. Porem em sua conversação não ha nada que não seja terrestre, parisiense e de jornal harato.

Falou-nos do seu livro *A Questão Romana* que acabava de ser prohibido. Disse-nos, e acreditamos, que o Imperador corrigiu as provas, que Fould nelle collaborou e que Moray escreveu o fim—«*La Métropole à Paris*», uma idéia do *Mémorial*, uma idéia do ontro e que todo este imperio era uma falsificação.

Por fim ajuntou que Fould lhe dissera que preparasse os aposentos do papa em Fontainebleau, em Fontainebleau! se por acaso elle quizesse mostrar-se mau ou se Antonelli fizesse alguma *partida*.

A MORTE DE MURGER

18 de Janeiro.—Murger está agonizante de uma molestia em que a carne cae aos pedaços, ainda em vida. Outro dia, quando foram cortar-lhe o bigode, o labio cahio com os cabellos... A ultima vez que eu vi Murger, no café *Riche*, ha um mez, tinha elle o semblante expansivo; era alegre e feliz. Acahava de ser um acto representado com successo no *Palais-Royal*. A proposito d'esta pequena composição litteraria os jornaes falaram d'elle; o que não tinham feito

com todos os seus romances, e por isso elle nos dizia que era uma concha tola matar-se a gente com o trabalho de fazer livros que não agradavam, e que não produziam cousa alguma...

Uma morte em que, reflectindo-se, se reconhece o ar de uma morte da Escripura, de um castigo divino contra a Boemia, contra esta vida em revolta com a hygiene do corpo e da alma...

ED. E JUL. DE GONCOURT.

AQUI, ALI, ACOLA

O Salon deste anno, em Paris, promette ser magnifico. Os artistas mais notaveis tem enviado trabalhos para a exposicao.

Mme. Régnier, conhecida ao mundo das lettras pelo pseudonymo Danil Darc, falleceu em Paris.

Mme. Régnier era uma escriptora de raça. Das suas obras a mais notavel é La Couleuvre, que é um bellissimo estudo naturalista.

Falleceu tambem em Paris, com a idade de 47 annos, o celebre pintor Gustavo Guillaumet. As suas melhores telas, consideradas obras primas, são: Prière du soir dans la Sahara, Souvenir des environs de Biskra, Marché arabe dans la plaine de Tocris, Famine, Labour, Lagonat e Tileuses.

PASSEPARPOUT

SPORT

O PROJECTO DO SR. J. DO PATROCINIO

O Sr. José do Patrocinio apresentou á Camara Municipal um projecto sobre corridas, que já está ao dominio publico e que motivou sensatas observações por parte de varios jornaes diarios.

S. S., na qualidade de vereador, está muito no circulo da sua missão, cuidando o mais possivel de dilatar as fontes de renda da Camara Municipal e mesmo, se isso dependesse somente dos seus sacrificios e talentos, libertar a dauctoria do governo a que ella se obrigou pelo desagravamento de seus representantes.

É factio indiscutivel que o projecto alludido rasga um novo veio de ouro nas minas municipales, accoda fartamente ao erario da Ilma. Camara, e será um poderoso toalco contra a anemia monetaria de que ella sofre ha muito tempo.

Se a Ilma. Camara precisa crear novos mananciaes de renda, faça-o, mas de maneira generosa e louvavel; faça-o pensando os interesses dos seus municipes e sondando o terreno em que tem de firmar a sua nova postura.

Em tristissimas condições ficam as sociedades ante o fiscal da Camara! A elle têm as sociedades — pois que a Camara exige 2% sobre o producto dos seus parceiros, — de prestar suas contas e, no caso de duvida, franquear-lha, para exame, os seus proprios livros e taloes; têm mais de se sujeitar a en-

trega immediata ao fiscal da dita porcentagem, e isto porquã as sociedades, conforma a interpretação do projecto, não inspiram bastante confiança a Ilma. Camara, que não lhes concede sequer 24 horas para prestação de contas!

Além disto têm ellas de pagar, para a Camara 100\$ de licença por cada corrida e os jockeys ficam sujeitos a licença de 50\$ annuaes e, por faltas commetidas durante as corridas, a multa de 30\$000.

Pergantamos: A Camara pede pela licença 100\$; esta naturalmente é para as sociedades poderem funcionar; é justificavel. Mas os 2% sobre cada parceiro? Como se explica esse imposto? Não pagam as sociedades os 100\$ da licença?

O fiscal da Camara merece fé perante a Camara ou não?

Se merece, porque, no caso de duvida, é elle obrigado a lavar um termo assignado por duas ou mais pessoas gradas e em officio enviado a Ilma. Camara?

Que direito assiste á camara para exigir dos jockeys 50\$ annuaes de licença?

Licença porque? Por serem jockeys? Será isto um ramo de negocio? Creemos que não. Quando muito, jockey poderia ser uma profissão e como tal compete á camara cobrar o imposto de industrias e profissões? E o que faria entao o Thesouro Nacional?

A consequencia de tudo isso será o fechamento immediato dos nossos clubs de sport, o anniquilamento da industria creadora que começa a desenvolver-se bellamente no nosso paiz, e impossibilitar o melhoramento das raças.

Todos sabemos que as sociedades de corridas se alimentam com os 10% que obtêm do rendimento de cada parceiro e estas ás vezes não dão para as despesas. Calculemos agora estas sociedades desfalcadas de mais 2%...

Como hão de ellas offerecer boas premios nos seus parceiros?

Como cuidarão dos seus melhoramentos naterises?

Como estimularão a industria?

Creemos que o Sr. José do Patrocinio na confecção do seu projecto visou a extincção do jogo nas corridas. E por esse lado pecca ainda o projecto.

Como acabar com o jogo nas corridas?

Fechando os clubs hippicos as suas casas de apostas? Isto impediria o publico de jogar?

Não; porque o publico jogará particularmente.

E como cohibil-o? Com a força? Com as multas?

Se assim fór, estes centros de diversões passarão a ser o rendez-vous das desordeus, da brutalidade, da traça pouco limpa de palavras, e, quiçá, de serios conflictos. Acabarão as poulas mas virão os bookmakers, calamidade muito peor.

Hoje é o jogo que leva o publico ao sport, é verdade; mas indirectamente o publico concorre para o desenvolvimento e progresso destas associações, deixado 10% das suas apostas na caixa das sociedade, além das entradas.

Este assumpto já tem sido tão estudado que só coagidos poderiamos tratar d'elle, e isto com profunda magua. O sport é de grande utilidade e digno de paizes civilisados; o exemplo mais frisante dos seus grandes serviços é o apreço em que são ellestidos na Europa que em assumpto de perfectibilidade e progresso nós dá todos os dias exemplos e modelos.

As rendas dos clubs de corridas não são tamanhas que obriguem a Camara Municipal, como impertinente sanguessuga, a sugar-lhes o melhor do seu sangue. Oxalá pudesse a Camara realisar o projecto do seu digno membro, sem que os pesados tributos nelle prescriptos prejudicassem a renda dos clubs, deixando-lhes com que acudir ás suas enormes despesas e com que offerecer premios animadores, que compensassem o capital empregado na compra, criação e tracto de bellos e puros exemplares das melhores raças.

Mas como tal não é possivel, e como o projecto não matará o jogo, lavramos aqui o nosso protesto, esperando e crendo que o Sr. José do Patrocinio encontrará outros meios de augmentar as rendas de Ilma. Camara, sem levantar tantos, tão geraes e tão justos reparos.

PRADO VILLA IZABEL

Pela leitura que fizemos do relatorio

dosta importante associação, vemos que o seu estado é muito prospero e futuroso. Com o capital de 25.000\$ realizou o Prado Villa Izabal, no binnio que findou, 32 corridas e distribuiu da premio a elevada quantia de 154.354\$. Além disso attendeu ás reformas que precisavam a rari e todas as dependencias do Prado, fez aquisição de todos os moveis precisos e pagou a Companhia Architectonica a quantia de 37.700\$, por conta da compra dos terrenos. Fecha o seu balanço com um saldo de 107.955.000.

É verdadeiramente animador e progressivo o estado do Prado Villa Izabal. A sua directoria, a cuja frente está o nosso illustre collaborador Dr. Affonso Celso Junior, n que é uma das garantias da sua respeitabilidade e sympathia, stuceras felicitações.

Amanhã realiza o Derby Club a sua primeira corrida neste anno. Pelo programma que os leitores encontrarão na nossa ultima pagina, poderão avaliar o que vai ser esta corrida. Com certeza o recinto do Derby será pegaeno para a concorrência. Novos e importantes melhoramentos serão inaugurados.

O Derby vai abrir o sport deste anno com chave de ouro.

PICOLINO.

GAZETILHA LITTERARIA

Deve chegar por estes dias a S. Paulo, para a livraria dos Srs. Teixeira & Irmao, A Reliquia, de Eça de Queiroz, o primeiro romance humoristico que a Gazeta de Noticias está publicando.

Esta noticia tem todo o canho da verdade pois foi affirmada pelo Diario Mercantil de S. Paulo, que recebera uma circular dos Srs. Lugan & Geneloux, editores portuguezes, annunciando para este mez o apparecimento d'A Reliquia; noticia confirmada pelo padre Guilherme Dias em uma correspondencia, do Porto, datada em 27 de Março, para aquella folha paulista, nos seguintes termos:

«No proximo mez serão postos á venda dois livros de sensação, que de ha muito são ansiosamente esperados. São elles a Reliquia, de Eça de Queiroz, e John Bull, de Kamalho Ortigão. O romance daquelle escriptor, os Matias, annuncia-se para Julho. Constrá de dois volumes.»

Esperamos ansiosamente A Reliquia — em volume, que nos dispensará da torturante Reliquia — da Gazeta, em doses homeopathicas.

A.

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

O Dr. Constante Jardim, no dia 24, foi alvo de uma honrosa manifestação por parte dos moradores de Santa Theza e Paula Mattos.

Uma commissão offereceu ao illustre vereador o seu retrato a oleo, um album e em seu nome libertou um escravo.

O nosso companheiro Alfredo de Souza foi, a pedido da commissão, encarregado de proferir o discurso official e fazer-lhe entrega dos mimos.

A' noite o Sr. Dr. Constante Jardim offereceu aos circunstantes um profuso copo d'agua.

Trocaram-se diversos brindes. D'entre elles o do Sr. José do Patrocinio em nome da imprensa e do Sr. vereador Thomaz Rabello em nome da Camara Municipal; a todos elles agradeceu o Sr. Dr. Constante Jardim em breves e eloquentes palavras.

O sarau-concerto que o Congresso Brasileiro deu no dia 23 foi enormemente concorrido e como todas as festas desta associação, brilhante, chic e elegantissimo.

O programma do concerto foi executado bellamente, terminando ás 11 1/2 da noite. Seguiram-se depois as danças que só terminaram quando a aurora com os seus dedos etc. e tal...

O Dr. Henrique de Sá, nosso estimado collaborador, pars festejar o seu anniversario natalicio e o baptisado de uma sua filhinha, reuniu no noite de 25 do

corrente, em sua luxuosa casa, á rua de S. Clemente, arando numero de convidados e amigos. L'es-se musica e canto dançou-se, terminando a festa por um bello estillon.

A reunião foi das mais agradaveis, Nada faltou para abrilhantá-la.

LORGNON.

CARTA AO OLAVO BILAC

Do teu adeus ao lanch, ó meu Olavo
Eu não compareci, pois ando escravo,
Um graphocrata, tu bem sabes, sou.
E a essa hora, Phebo-Apollo, estou
Nos galés do — Deus Guarda a Vam'Escolmeia!

Na outra Paulicida achas-te emfim?
Não te pergunto: pensas tu em mim
Como em ti tanto eu penso, pezaroso?
Obrigas-te a mentir! Fôra maldoso,
Mas estás bom? contents? O céu por lá
Tem estrelas que oupas como ha
No céu d'aqui, com vididos fulgores
Quo nem fêmeos olhos matadores
Possum? Eu sei bem que é desqual
Ter quarenta ou vinte annos. O ideal
É mystico ou tangível quando a gente
E' velha ou moça, eu sei, infelizmente!
Se ainda trata de um assumpto tal
E' platonismo que a ninguém faz mal!
Ha mulheres bonitas? As paulistas
São, como dizem, de fazer artistas,
E de inspirar qualquer Commendador?
Das Cariocas gentis tem esse ardor
Nos olhos, em que outr'ora eu me abrazava,
E em que agora te abrazas? Fioa escravo
I gente ao magnestino d'esse ohar
Que tem as atracções do infindo mar?
Ha tambem por S. Paulo escravo-cristas?
Monarchistas, hypoortias, beat as?
A eterna historia: — o verme co pé da flor!
O espasmo do prazer beirando a dor?
Uma mulher divina e cem fetosas?
Os cravos que taes são? Ha muitas rosas?
Um magriço por lá engordará?
A ser assim eu mudo-me p'ra lá?
Que neste andar, Olavo, de magreza,
Por mim tons de pôr luto com certeza.
26 Abril 87.

GUIL. MAR.

THEATROS

SANT'ANNA

A companhia d'este theatre que degradara na estrêia com A Touinegra do Templo está deliciando a platêia panlista com o Heróe á força e a Donzella Theodora. Tem tido enchenes sempre.

LUCINDA

A empresa d'este theatre deu-nos hontem, em primeiro representação, a opera-comica de Ordeanaeu O Gallo de ouro, traduzida pelos Srs. Arthur Azevedo e Azeredo Continha.

No nosso proximo numero diremos d'esta nova opereta e do seu desempenho.

PRINCIPE IMPERIAL

A afamada opereta de Henri Chivot e

Alfredo Duru *L. Pompon* foi hontem representada pela companhia d'esta theatro com o titulo *A Rainha do Carnaval*.

Da peça e de sua interpretação falaremos no proximo numero.

S. PEDRO DE ALCANTARA

Hoje se effectuará neste theatro a grande festa de caridade organizada pela Sociedade Francaza de Beneficencia. O programma d'esta festa é attractivo e fim altamente humanitario: socorrer nas pessoas a ella filiadas. O publico não faltará.

PHENIX DRAMATICA

Está apurando os ensaios dos *Milagres de N. S. da Penha* e do drama *Olivia* (qua irá em beneficio da estimada actriz Julia de Lima), ambos de actores brasileiros.

RECREIO DRAMATICO

Hoje é a penultima representação d'*O Castello do Diabo* e, por não ter o scenographo Coliva terminado o scenario do novo drama de Dumas Filho — *Francillon*, este ao subirá á scena na semana proxima. Até lá.

O *Mercantil*, que apparece em Petropolis, noticiando a estreia da companhia dramatica que foi trabalhar no theatro da Floresta, trata de uma maneira honrosissima o distincto actor Simões e tace-lhe enormes elogios pelo bello desempenho que elle dá á *Grêve dos Ferreiros*, elogios aliás muito merecidos, pois, como já tivemos o gosto de dizer aqui, quando o distincto artista pela primeira vez a recitou — é um trabalho que o honra.

P. TALMA.

FACTOS E NOTICIAS

No dia 27 partio para o Macuco o distincto clinico Dr. Antonio de Lannes Lima.

Consta que será brevemente fundado, n'esta Côte, o *Club dos Estudantes Parlistas*, no qual haverá palestras scientificas, litterarias, leitura, etc.

Deve regressar amanhã ou depois, de S. Paulo, o nosso companheiro Filinto d'Almeida.

Está na Côte, tendo vindo do Porto, com o Dr. Figueiredo de Magalhães, o Sr. Nuno Castello Branco, filho do illustre actor da «Bohemia do Espirito». E' a segunda vez que vem ao Brazil.

Fez annos ante-hontem Alberto de Oliveira. Infelizmente o nosso querido poeta não pôde receber fora do leito da sua portuaz doença os amigos que o foram comprimentar e as felicitações que por escripto outros lhe enviaram. Mas o seu estado não inspira cuidados. Mais algum tempo de paciencia e estará restabelecido.

FALLECIMENTO

Victima da uma terrivel tísica pulmonar falleceu em Portugal, para onde fôra em busca de melhoras, a Exma. Sra. D. Anna Maria Brito de Souza Andrade Cabral, virtuosissima esposa do Sr. Guilberme Cabral, nosso digno gerente.

Comprehendendo a dor que brutalmente ferio o coração do nosso companheiro, damos-lhe as nossas condolencias, filhas da amizade que lhe consagramos e do respeito e estima em que sempre envolvemos a pessoa de sua fallecida consorte.

TRATOS Á BOLA

Até hoje nada de decifrações dos *tratos* do n. 1191 Parece incrível, e é a pura verdade. Não sei como qualificar esta falta de amor dos meus carissimos *tratisistas*. Ah! Mas cá por dentro andava um bichinho a dizer que os meus irmãos, em se lhes offerecendo cousas de não se nutrem no ar, fazem-se de innocentes, e, por mais *topados* que sejam, deixam os *tratos* ás mãos dos indifferentes e... vão ver o *Mercurio*.

Ora isto verdadeiramente é tristicismo. Pois não ha d'entre esta rapaziada luzidia quem possa com a alavanca do seu espirito desmanchar as differenças dos *tratos*? Não o creio. E todavia ali está o *facto*, e lá diz o Barbe, contra *factos* não ha argumentos. Não ha, é verdade; mas então, meus irmãos, o que hei do dizer de vos ao Deus todo poderoso, quando, no supremo dia do Juizo Final interrogar-me: «Antonio, como se comportaram os teus amigos *tratisistas*?»

«Mal, Senhor! Muito mal!» é a resposta que, a bem da verdade, hei de dar ao meu Deus. Isto, com certeza, vai pezar, meus irmãos, na balança da justiça divina contra a vossa entrada para o reino da Luz do Bem.

Vamos, *tratisistas*, mais um pouco de paciencia. Não compromettaes a vossa vida de alem tunulo. Espero pelas vossas decifrações até sexta-feira.

Eia, aos *tratos* ultimos... ou eu acabo por uma vez com esta caranguejola, em que nenhum de vos tem a habilidade de entrar.

FREI ANTONIO.

RECEBEMOS

— Conferencia do Dr. Ubaldino do Anaral feita no Club Republicano de Campinas no dia 13 de Março de 1887.

— *O Mequetrefe*, n. 432. Bons e espirituosos desenhos. Texto sciñtifiante.

— *Revista do Observatorio Astronomico* n. 4.

— *Apaiçonada* — Valsa composta pelo sr. Americo Ribeiro Penna. Muito apaixonada.

— *A Farsa* n. 76 (Baua). Engaçadas caricaturas. No texto o esias de Raymundo Corrêa e Valentim Magalhães.

— *O Occidente*, anno X. n. 298. Bellas illustrações texto brilhante.

— Da casa David Corazzi: *Fabulas de La Fontaine*, fasc. n. 33, com um bello retrato de La Fontaine e o começo do estudo critico de Pinheiro Chagas; *Historia de Grã Bias de Santilhana*, fasc. ns. 69 e 70, com um lindo e grande chromo; *Os enciclos de Lisboa*, fascs. ns. 23 e 24.

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

AGENCIA COMMERCIAL PORTUGUEZA

O ULTIMO BEIJO

POR

Henrique Perez Escrich

O *Ultimo Beijo* é o titulo do ultimo romance que acaba de sahir dos prelos hespanhoes e devido á maviosa penna do brilhante romancista Henrique Perez Escrich, auctor de obras que hoje tem uma reputação europia como o *Cura de Aldeia*, o *Martyr do Golgotha*, a *Formosura d'Alma*, e tantos outros romances que se leem sempre com aprivel encanto e que são recebidos no santo lar de familia, sem temor de que o maculem.

N'esta epocha de tanto realismo, em que as podridões sociais, os vicios mais asquerosos servem de thema aos romances em voga, uma obra de Perez Escrich é sempre acolhida como uma flor de perfume casto e inebriante, que reflecte em si os mais bellos sentimentos da moral e da verdadeira poesia do bello.

Os romances assim comprehendem-se e jamais podem inocular o virus dos torpes realismos no espirito dos que querem leituras amenas mas não irritantes.

O novo romance de Escrich que a *Bibliotheca do Cura de Aldeia* está fazendo passar para a lingua portugueza, é uma joia de inestimavel valor, uma d'essas joias que brilham sempre e que se guardam com estima e agrado. E' um livro de scenas attrahentes, d'um

entrecho admiravel, de uma simplicidade encantadora e attrahente, contendo bellezas que são difficeis de descrever quando não se possui o talento descriptivo de um escriptor de primeira ordem, como é Perez Escrich.

A *Bibliotheca do Cura de Aldeia*, para que n'edição seja digna das que tem até hoje publicado, não só confiou a traducção a pessoa competentissima, mas tambem trata de empregar os seus esforços para que a parte material do livro seja a mais esmerada possivel.

Este conjunto de cousas faz com que a *Bibliotheca do Cura de Aldeia* espere o mais benevolo acolhimento a uma obra que pôde ser classificada entre as melhores do auctor.

Condições de assignatura

O *Ultimo Beijo* constará de 4 volumes, ornados de primorosas gravuras, que serão publicados ás folhas de 76 paginas.

Distribuir-se-ha semanalmente, com irreprehensivel regularidade, um fasciculo de 48 paginas, pelo modico preço de 200 reis cada fasciculo, pago no acto da entrega. Alternadamente será distribuida em cada fasciculo uma gravura de pagina.

Cada fasciculo de 48 paginas 200 reis.

GRAVURAS GRATIS AOS SRS. ASSIGNANTES

Assignar-se na Agencia Commercial Portugueza de Leuence Marques d'Almeida — Rua do Carmo, 40, 1.º andar, Rio de Janeiro.

N. B. Acha-se completa a publicação deste interessante romance continuando ainda, até o meado de Maio, aberta a assignatura. Preço, por assignatura, dos 4 volumes encadernados, com lindas capas espezias — \$3600. No meio de Maio fechar-se-há a assignatura e só se venderá a obra completa por 10\$000 reis os 4 volumes.

ANNUNCIOS

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRETO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Pôde ser visitada a qualquer hora. Estatutes nas principaes livrarias.

Livros ultimamente publicados e á venda na livraria do editor B.L.GARNIER, rua do Ouvidor n. 71

A LEI DAS EXECUÇÕES

ou consolidação e concordancia das disposições, que, segundo a lei n. 3273 de 5 de Outubro n. 9549 de 23 de Janeiro de 1836 e regem as acções hypothecarias e de penhor agricola e as execuções commerciaes e civis em'geral pelo, advogado Censelheiro A. de Almeida Oliveira

1 vol. in-4º enc..... 98000

PROCESSO

das execuções civis, commerciaes e hypothecarias, contendo as respectivas disposições legislativas, jurisprudencia dos tribunaes e opiniões de peristas, pelo Juiz de direito

Cassiano C. Tavares Bastos

1 grosso vol. in-4º enc..... 108000

Muniz Barreto — O REPENTISTA, estudo pelo Dr. Rozendo Muniz Barreto. 1 vol. in-8º enc. 48, br. 38000.

O Canto do Cysne por Georges Ohnet. 1 vol. in-8º, enc. 38, br. 28000.

Historia de Brazil do Dr. Motta Maia, 2ª edição augmentada. 1 vol. cart. 48000.

Grammatica Portugueza por Manuel Olympio Rodrigues da Costa. 3ª edição melhorada. 1 vol. in-8º enc. 28000.

71 RUA DO OUVDOR 71

EMULSÃO

DE

SCOTT

DE OLEO PURO DE

FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphitos de cal e soda

Apprevada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchites, escrephulas, rachitis, anemia, debilidade em geral, defluxes, tesse chronica e affecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicicas e reconstituintes does hydropophosphitos. A' venda nas drogarias e beticas.

FABRICA PEROLA

Terrefacção de café

Este afamado café vendo-se na fabrica, á rua do Sacramento n. 32, e nas principaes casas do molhados e confeitarias.

CAMPOS

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

ALFAIATARIA

11 RUA DOS ANDRADAS 11

Estabelecimento montado a capricho, com um completo e variadissimo sortimento de casimiras, pannos, diagonaes, etc. para roupas por medida. Tem roupas feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, ceroulas, punhos, meias, lenços, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMODOS

11 RUA DOS ANDRADAS 11

J. DA SILVA LOPES

A NACIONALCARLOS MORAES & C.
66, RUA DA URUGUAYANA, 66GRANDE FABRICA DE LUVAS DE TODAS AS QUALIDADES
Especialidade em luvas de fantasia

Executa-se qualquer encomenda em duas horas

RIO DE JANEIRO

INTRANSFERIVEL ! INADIABEL !**GRANDE LOTERIA**

DA

PROVINCIA DE PERNAMBUCO

EM FAVOR DA EDUCAÇÃO DOS INGENUOS DA COLONIA ISABEL

Por ordem do Exm. Sr. Br. presidente da provincia de Pernambuco, foi marcada a extracção desta importante loteria para o dia

14 DE MAIO DE 1887

INADIABEL

MIL CONTOS 1.000:000\$000 MIL CONTOS

PREMIOS MAIORES

Primeiro sorteio
Segundo sorteio.
Terceiro sorteio.100:000\$000
200:000\$000
1.000:000\$000

PREÇO DE CADA BILHETE INTEIRO 20\$000, MEIO 10\$000, QUARTO 5\$000, DECIMO 2\$000 E VIGESSMO 1\$000

Todo o serviço desta loteria está a cargo exclusivo do AGENTE GERAL, abaixo assignado. A extracção será feita em tres sorteios, com intervalo de tres dias de um a outro. O plano desta loteria é o mais vantajoso que tem apparecido no Rio de Janeiro.

Com a pequena importancia do 18 floa-se habilitado a um premio de 50:000 no terceiro sorteio, independente dos premios que lhe possam caber nos primeiro e segundo sorteios.

OS PEDIDOS DE BILHETES DEVEM SER DIRIGIDOS

Francisco Gonçalves de Queiroz, agente geral**RUA DO HOSPICIO N. 25, LOJA**

CAIXA DO CORREIO N. 115. TELEPHONE N. 597.

DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA 1^A CORRIDA

A REALIZAR-SE

DOMINGO 1 DE MAIO DE 1887

AO MEIO-DIA EM PONTO

1º pareo—Ao meio-dia—**Initium**—1.000 metros—Poldros e poldras de 2 annos—Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

| Ns. | Nomes | Felcos | Edades | Naturalidades | Pesos | Côres das vestimentas | Proprietários |
|-----|-----------------|----------------|------------|-----------------|-------------|-----------------------------|-----------------------|
| 1 | Ozires | Castanho | 2 annos... | Paraná | 47 kilos... | Branco e rosa..... | R. F. |
| 2 | Berenice | Alazão | 2 » | Rio de Janeiro. | 46 » | Ouro e branco..... | Coudelaria Fluminense |
| 3 | Sensitiva | Tordilho..... | 2 » | Idem..... | 46 » | Grénat e lyrio..... | D. A. |
| 4 | Juanita | Baio | 2 » | Idem..... | 46 » | Idem, idem..... | D. A. |
| 5 | Corcovado | Castanho | 2 » | Idem..... | 47 » | Grénat e ouro..... | Mario de Souza. |
| 6 | Archimedee..... | Zaino..... | 2 » | Idem..... | 47 » | Ouro, mangas e boné azul... | Coudelaria Alliança. |

2º pareo—A's 12 3/4 horas—**Longruber**—1.400 metros—Animas estrangeiras até 3 annos—Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

| | | | | | | | |
|---|----------------|---------------|------------|-------------------|-------------|------------------------------|------------------------|
| 1 | Amazonas..... | Castanho..... | 3 annos... | Inglaterra..... | 49 kilos... | Azul e encarnado..... | Liberal & Courreges. |
| 2 | Daybreak..... | Zaino..... | 3 » | Idem..... | 47 » | Ouro e azul..... | D. Julia Vieira. |
| 3 | Paraguaya..... | Castanho..... | 3 » | Idem..... | 49 » | Azul e grénat..... | P. Lima. |
| 4 | Babytonia..... | Idem..... | 3 » | França..... | 49 » | Havana e azul..... | J. R. |
| 5 | Siva..... | Alazão..... | 3 » | Inglaterra..... | 51 » | Azul e ouro..... | Coudelaria Americana. |
| 6 | Queime..... | Castanho..... | 3 » | Idem..... | 47 » | Azul..... | C. |
| 7 | Pasey..... | Zaino..... | 3 » | Rio da Prata..... | 47 » | Encarnado e ouro..... | V. M. |
| 8 | Phencia..... | Alazão..... | 3 » | Inglaterra..... | 47 » | Encarnado e mangas azues.... | Coudelaria Brasileira. |

3º pareo—A' 1 1/2 hora—**Excelsior**—1.450 metros—Animas do paiz até 3 annos—Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro.

| | | | | | | | |
|---|----------------|---------------|------------|-----------------|-------------|-------------------------------|-----------------------|
| 1 | Argentino..... | Castanho..... | 3 annos... | Rio de Janeiro. | 51 kilos... | Grénat e lyrio..... | D. A. |
| 2 | Odalisca..... | Pampa..... | 3 » | S. Paulo..... | 51 » | Verde, branco e encarnado.... | Coudelaria Excelsior. |
| 3 | Monitor..... | Castanho..... | 3 » | Idem..... | 51 » | Azul, branco e encarnado..... | Coudelaria Cruzeiro. |
| 4 | Dandy..... | Vermelho..... | 3 » | Idem..... | 51 » | Ouro e verde..... | F. Vianna. |

4º pareo—A'e 2 1/4 horas—**Cosmos**—1.609 metros—Animas de qualquer paiz—Premios: 1.000\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro.

| | | | | | | | |
|---|----------------|-----------------|------------|-----------------|-------------|------------------------------|-----------------------|
| 1 | Ruy-Bias..... | Alazão..... | 3 annos... | Inglaterra..... | 49 kilos... | Ouro e branco..... | Coudelaria Fluminense |
| 2 | Peruana..... | Zaino..... | 4 » | Idem..... | 50 » | Azul e amarello..... | J. Rocha. |
| 3 | Coupon..... | Castanho..... | 4 » | França..... | 56 » | Azul, branco e encarnado.... | Coudelaria Cruzeiro. |
| 4 | Lé-Loup..... | Zaino..... | 4 » | Idem..... | 52 » | Azul e grénat..... | Coud. International. |
| 5 | Charybdee..... | Castanho..... | 4 » | Inglaterra..... | 52 » | Encarnado e preto..... | Coud. Rio de Janeiro. |
| 6 | Walter..... | Douradilho..... | 4 » | Idem..... | 52 » | Grénat e roea..... | S. M. |

5º pareo—A's 3 horas—**Dorby-Club**—1.609 metros—Animas do paiz—Premio: 1.000\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro.

| | | | | | | | |
|---|---------------|---------------|------------|------------------|-------------|------------------------------|------------------------|
| 1 | Diva..... | Alazão..... | 4 annos... | Rio de Janeiro.. | 54 kilos... | Ouro e branco..... | Coudelaria Fluminense |
| 2 | Talisman..... | Idem..... | 5 » | S. Paulo..... | 56 » | Azul, branco e encarnado.... | Coudelaria Cruzeiro. |
| 3 | Boreas..... | Castanho..... | 4 » | Idem..... | 60 » | Encarnado e preto..... | Coud. Rio de Janeiro. |
| 4 | Macaré..... | Alazão..... | 5 » | Idem..... | 54 » | Azul e grénat..... | Coudelaria Santa Cruz. |

6º pareo—A's 3 3/4 horas—**Progresso**—1.609 metros—Animas nacionaes até meio sangue—Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

| | | | | | | | |
|---|---------------|---------------|------------|-----------------|-------------|-------------------------|------------------------|
| 1 | Intima..... | Castanho..... | 5 annos... | S. Paulo..... | 54 kilos... | Grénat e lyrio..... | D. A. |
| 2 | Druid..... | Tordilho..... | 4 » | Rio de Janeiro. | 62 » | Branco e encarnado..... | Oliv. Junior & Lopes. |
| 3 | Biscaia..... | Alazão..... | 4 » | S. Paulo..... | 52 » | Azul e grénat..... | Coudelaria Santa Cruz. |
| 4 | Mandarin..... | Rosilho..... | 4 » | Idem..... | 54 » | Idem idem..... | Coudelaria Paraiço. |

7º pareo—A's 4 1/2 horas—**Rio de Janeiro**—1.750 metros—Animas de qualquer paiz—Premios: 1.500\$ ao 1º, 400\$ ao segundo e 200\$ ao terceiro.

| | | | | | | | |
|---|-----------------|---------------|------------|-------------------|-------------|------------------------------|-----------------------|
| 1 | Swamp..... | Castanho..... | 4 annos... | Inglaterra..... | 50 kilos... | Azul..... | C. |
| 2 | Olinda..... | Zaino..... | 3 » | Idem..... | 47 » | Grénat e lyrio..... | B. V. |
| 3 | Salvatus..... | Alazão..... | 4 » | Idem..... | 52 » | Azul, branco e encarnado.... | Coud elaria Cruzeiro. |
| 4 | Phrynéa..... | Castanho..... | 4 » | Idem..... | 54 » | Ouro e branco..... | Coudelaria Fluminense |
| 5 | Satan..... | Idem..... | 4 » | França..... | 54 » | Grénat e ouro..... | Mario de Souza. |
| 6 | Dr. Jenner..... | Zaino..... | 4 » | Rio da Prata..... | 52 » | Idem..... | J. S. |
| 7 | Scylla..... | Castanho..... | 4 » | Inglaterra..... | 50 » | Encarnado e preto..... | Coud. Rio de Janeiro. |

8º pareo—A's 5 1/4 horas—**Seis de Março**—1.450 metros—Animas do paiz até meio sangue que não tenham ganho no Derby—Premios: 400\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e 40\$ ao terceiro.

| | | | | | | | |
|----|------------------|-----------------|------------|-----------------|-------------|----------------------------|-------------------------|
| 1 | Baccarat II..... | Gateado..... | 4 annos... | S. Paulo..... | 52 kilos... | Branco e azul..... | F. J. C. |
| 2 | Damon..... | Alazão..... | 4 » | Idem..... | 52 » | Branco e encarnado..... | J. Machado. |
| 3 | Ondina..... | Tordilho..... | 3 » | Idem..... | 47 » | Azul e amarello..... | J. Rocha. |
| 4 | Gladiador..... | Zaino..... | 3 » | Rio de Janeiro. | 49 » | Grénat e lyrio..... | D. A. |
| 5 | Caporal..... | Alazão..... | 4 » | S. Paulo..... | 52 » | Grénat e branco..... | Coudelaria Integridade. |
| 6 | Chapeco..... | Castanho..... | 3 » | Paraná..... | 49 » | Branco e azul..... | Coudelaria Guanabara. |
| 7 | Vilodimer..... | Ruço..... | 4 » | Rio de Janeiro. | 52 » | Azul, ouro e encarnado.... | M. B. S. |
| 8 | Marengo..... | Vermelho..... | 6 » | S. Paulo..... | 54 » | Vermelho..... | Coudelaria Mirim. |
| 9 | Jenny..... | Idem..... | 4 » | Idem..... | 50 » | Vermelho e preto..... | J. Lemos. |
| 10 | Pretoria..... | Libuno..... | 6 » | Idem..... | 52 » | Azul e havausa..... | A. C. |
| 11 | Rondello..... | Donradilho..... | 3 » | Idem..... | 49 » | Azul e grénat..... | Lazaro & Lima. |
| 12 | Guacha..... | Chita..... | 3 » | Rio Grande..... | 49 » | Azul e grénat..... | A. M. |

OBSERVAÇÕES

Roga-se aos Srs. proprietarios dos animas inscriptos no 1º pareo o favor de terem os mesmos no encilhamento ás 11 1/2 horas precisas.

Pelo 2º secretario, **MARCOS DE MELLO.**